

# O IHG, O SINO DOS 300 ANOS E O MUSEU DOS SINOS

*Algumas considerações sobre a refundição do sino da Ordem Terceira de São Francisco (marco comemorativo dos 300 de fundação do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar) e sobre a criação do “Museu Estação dos Sinos” em São João del-Rei.*

**José Antônio de Ávila Sacramento**

Sócio efetivo, titular da cadeira nº 11, cujo patrono é Batista Caetano de Almeida.

*“Os sinos têm uma música própria: o repique ou o dobre, a música que no meio do tumulto da vida nos traz a idéia de alguma coisa superior à materialidade de todos os dias, que nos entristece, se é de finados, que nos alegra, se é festa, ou que simplesmente nos chama com um som especial, compassado, sabido de todos.” (Machado de Assis)*

A história dos sinos dentro das tradições culturais de São João del-Rei é muito antiga. Atualmente esta linguagem encontra-se em processo de registro como manifestação das mais importantes do nosso Patrimônio Cultural Imaterial (ou Intangível)<sup>1</sup>, pelo IPHAN, e tornou-se, com o passar dos anos, uma das marcas mais tradicionais da paisagem sonora da cidade<sup>2</sup>. Neste sentido, podemos lembrar, para registro, que São João del-Rei é reconhecida historicamente como “a terra onde os sinos falam” por gerações, tendo impressionado desde o século XIX a diversos visitantes que posteriormente tornaram-se ilustres memorialistas das tradições da histórica cidade. Entre esses, salientamos principalmente o naturalista inglês Richard Burton<sup>3</sup> e o jornalista e escritor carioca Carlos de Laet<sup>4</sup>, que passou uma temporada entre nós, por volta de 1894. O primeiro deixou registrado o seguinte sobre a tradição da linguagem dos sinos utilizada na cidade:

*“...Em São João del Rei, ouvimos o toque de sinos de Oxford: durante todo o dia e metade da noite, escutava-se o “dobre”, toque vagaroso, quando é usada a corda, e o “repique”, toque ligeiro, em que o badalo é manejado com a mão. Era uma “fornalha de música”, uma “sinfonia de tempestade...”.” E o segundo registrou as seguintes constatações: “...Dos sinos de São João não se poderá dizer que como em outras cidades estão emudecidos pelo progresso dos tempos. Soam a miúdo e talvez mais freqüentes que de razão. Todo membro de qualquer irmandade confraria ou ordem terceira tem, quando morre, inconcusso direito a dobres funéreos, que mais crebros se tornam se o defunto exerceu cargo ou dignidade. Ora, como, em geral, o são-joanense faz parte de diversas corporações religiosas, raro é o óbito que durante o dia inteiro não faça gemer o bronze de muitos campanários...”*

Entre os contemporâneos, coube ao saudoso Presidente Tancredo Neves, ex-

<sup>1</sup> Já é bastante reconhecida a importância de proteger a memória, representada por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais. Mas nem só de aspectos físicos se constitui a cultura de um povo. Há muito mais do que isto. Também é importante aquilo que está contido nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo. A essa porção intangível da herança cultural dos povos dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial. O registro de um bem cultural de natureza imaterial está previsto no Decreto Federal nº 3551/2000, regulamentado pelo IPAN, através da Resolução nº 001/2006.

<sup>2</sup> Segundo o IPHAN, “o pedido de registro da linguagem dos sinos no Livro das Formas de Expressão abrange, além de São João del-Rei, as cidades de Mariana, Ouro Preto, Catas Altas, Congonhas do Campo, Sabará, Serro e Diamantina. A linguagem dos sinos funciona noticiando ocorrências recentes, como a morte ou o nascimento de moradores locais. O tipo de dobre dos sinos atua como um código que identifica o quê exatamente está havendo. Por causa do constante barulho nas cidades, e também porque algumas igrejas adotaram o sino eletrônico, a linguagem dos sinos está se perdendo, junto com o trabalho dos sineiros. “Transformar essa cultura em patrimônio imaterial é uma forma de impedir que a tradição se extingua.”

<sup>3</sup> Richard Francis Burton (1821-1890), explorador e orientalista inglês. Em 1864 é cônsul britânico em Santos. No Brasil visita a província de Minas Gerais e sobe o rio S. Francisco. Em 1869 percorre os cursos superiores do Paraguai e do Paraná. Burton realiza descobrimentos geográficos interessantes. Fala vinte e cinco línguas ou dialetos. Escreve numerosos livros de viagens, tratados sobre esgrima, de falcoaria, e realiza diversas traduções etc. Tão grande é a importância da obra resultante de sua estadia no Brasil, que Burton aqui é mais lembrado pelo livro que escreveu sobre o Brasil do que como cônsul da Sua Majestade Britânica.

<sup>4</sup> Carlos Maximiliano Pimenta de Laet: jornalista, professor e poeta, nasceu em 3 de outubro de 1847, no Rio de Janeiro, RJ, e faleceu também no Rio de Janeiro em 7 de dezembro de 1927. Carlos de Laet chegou a ser considerado, ao lado de Rui Barbosa e Machado de Assis, parte da “triade gloriosa da suprema perfeição lingüística” nacional.

Ministro da Ordem Terceira de São Francisco, enfatizar a importância dos sinos para a vida cotidiana em São João del-Rei, numa das suas últimas entrevistas para televisão, antes da sua eleição para Presidente da República a 15 de janeiro de 1985. Nesta entrevista, ele afirmava:

*“... Em São João del-Rei nós somos dominados por dois sons: primeiro o som dos sinos. São João del-Rei é a Capital dos sinos, talvez no Brasil ela seja a cidade que mais se toque sinos, e os sinos de lá tem linguagem própria. Lá têm toques de alegria, os toques de tristeza e tem os toques característicos da cidade, de forma que a cidade sabe o que está acontecendo, o que não está acontecendo e o que vai acontecer...”*

Neste sentido, quando o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei pensou na idéia de se fazer um marco que registrasse a passagem dos 300 anos de fundação do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, núcleo primeiro do que seria a Vila de São João del-Rei, a partir de 08 de Dezembro de 1713, surgiu a idéia da fundição de um sino comemorativo. Aquela idéia surgiu naturalmente, por ser este um dos símbolos mais identificados culturalmente com a nossa cidade e a sua história, como confirmaram os estudos que feitos em atas da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, a cuja respectiva igreja agora pertence o sino que contém os dizeres comemorativos dos 300 anos:

*“Quando em 1830 a Mesa administrativa da época tratou de melhorar o nosso majestoso templo, que é um padrão inabalável da fé viva e ardente dos nossos antepassados, ouviu-se logo do alto do campanário o som melodioso e argentino do sino que por 88 anos bimbou festivo convocando os fieis ao culto dos altares ou dobrou a finados lamentando a partida de um irmão para a vida do além. Quando em princípios de abril de 1916 correu a noticia que o sino de São Francisco quebrara-se, se entristeceu toda a população que se habituara a ouvir de longa data o sino que presidiu o nascimento dos nossos pais. A mesa administrativa atual querendo preencher essa lacuna, tratou de buscar adquirir outro sino que o substituísse e recorrendo ao arquivo da ordem encontrou os seguintes dados sobre o sino quebrado: depois de quebrado o sino fundido nesta cidade por Francisco da Costa Carneiro em 1772, mandaram os mesários de 1830, fundir nesta cidade por Francisco Bernardes de Souza, o sino grande atual, que pesava cerca de 845 Kg...”*

Como conferimos em atas relativas aos anos de 1918, 1939, 1957, 1961, o sino passou por várias fundições que deixaram registradas a participação dele na vida da cidade e da relação das refundições com personalidades ilustres da vida política brasileira do século passado, da qual salientaremos alguns dados resumidos. O sino antigo, em abril de 1916, estava rachado. Isto fez com que, durante os anos de 1916 e 1917, a mesa administrativa arrecadasse donativos para a sua refundição, coleta que foi feita junto aos irmãos da Ordem, tendo a ata da mesa administrativa daquela época salientado o nome da irmã benemérita Paulina Carolina Gaede Gomes (a paraninfa do sino) como uma das principais doadoras para a aquisição dele. O sino foi refundido em São Paulo, pela Fundação de Sinos Angelo Angeli. Naquela época teve o seu peso inicial, de 845 kg, aumentado para 1450 kg, sendo erguido para a torre em 26 de novembro de 1918 e batizado com o nome de Francisco de Assis.

Infelizmente a vida desse sino foi curta. Em 1938 ele rachou novamente, sendo remetido, por ordem do Governador do Estado, Benedito Valladares<sup>5</sup>, para as Oficinas da Rede Mineira de Viação, na cidade de Cruzeiro<sup>6</sup>. Foi novamente refundido e

<sup>5</sup> Benedito Valladares Ribeiro (04/12/1892 - 02/03/1973), natural de Pará de Minas -MG. Interventor: 1933 a 1935; Governador: 1935 a 1937; Interventor: 1937 a 1944.

<sup>6</sup> A estação de *Cruzeiro*, situado no município paulista de mesmo nome, foi inaugurada pela *E. F. Dom Pedro II* em 1878. A partir de 1884, passou a ser o ponto de partida da *E.F. Minas e Rio* - que tinha esse nome porque deveria sair de uma estação na Província do Rio de Janeiro e acabou saindo de *Cruzeiro* mesmo - que levava até *Três Corações*, em Minas, e daí além. Essa estrada teve o nome alterado inúmeras vezes, passando a fazer parte, por exemplo, da *RMV - Rede Mineira de Viação*.

reerguido à torre aos 15 dias do mês de março de 1939, rebatizado com o nome de Francisco de Assis, tendo o Cel. Nascimento Teixeira, representado, na cerimônia de batismo, o paraninfo Benedito Valadares.

A vida desse sino também seria curta, tendo rachado novamente em dezembro de 1955 e foi objeto de uma mal sucedida uma solda de bronze, tentada em São João del-Rei. Em 1956, por intervenção direta do Coronel Mozart Dornelles junto ao Ministro da Guerra, Marechal Henrique Duffles Teixeira Lott, em 1957, e posteriormente, em 1961, ao Marechal Odílio Denys, o sino foi remetido ao Arsenal de Guerra do Rio de Janeiro. Foi refundido e reerguido para a torre aos dois dias do mês de abril de 1961, tendo o Cel. Mozart Dornelles como paraninfo e sendo batizado com o nome de Francisco de Borja, em homenagem à terra natal de Mozart Dornelles, no Estado do Rio Grande do Sul.

Mais recentemente, em maio de 2003, uma trinca reapareceu no sino e, lentamente, vinha-lhe retirando o som. Em abril de 2004, por acaso, a infeliz notícia da trinca em andamento chegou à presidência do Instituto Histórico e Geográfico: o grande sino da torre direita da igreja de São Francisco estava completamente danificado. Averiguada a veracidade da informação com o dr. Carmello Geraldo Viegas, Ministro da Ordem de São Francisco, analisamos que a refundição desse sino seria interessante para a Ordem de São Francisco e para o intento do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, que era o de criar um marco comemorativo perene que registrasse os 300 anos do Arraial que deu origem à Cidade. Aprovada a idéia no IHG, foi celebrado um acordo de cavalheiros com a mesa da Venerável Ordem Terceira de São Francisco, na pessoa do presidente do IHG e de seu Ministro dr. Carmello Geraldo Viegas. Assim, a presidência do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, na pessoa deste presidente, acionou o dr. José Geraldo Dangelo (*Jota Dangelo* - presidente do BDMG Cultural e sócio honorário deste IHG), o vereador e nosso confrade Adenor Luiz Simões Coelho (especialista em projetos culturais) e André Guilherme Dornelles Dangelo (arquiteto, professor da Escola de Arquitetura da UFMG, sócio correspondente deste IHG e um dos especialistas em Sinos no Brasil) para juntos elaborarmos a proposição a fim de que o projeto pudesse ser viabilizado. Esta Comissão constatou junto ao IPHAN a possibilidade da refundição do sino. O IPHAN (13ª SR - Belo Horizonte), através do Dr. Fabiano Lopes de Paula, então Superintendente Regional, concordou e prontamente autorizou o andamento da proposta, sabendo da importância da linguagem dos sinos em São João del-Rei e por considerar que o sino já passara por refundições, sendo a última em 1961, pelo que não continha valor histórico e artístico agregado.

Durante o detalhamento do projeto, lembramos algumas felizes coincidências que justificaram que o sino comemorativo ficasse mesmo na igreja de São Francisco. A primeira é que o Dia da Cidade, 08 de Dezembro (de 1713), é comemorado junto com o Dia de Nossa Senhora da Conceição, na igreja de São Francisco de Assis. A segunda foi a de que o primeiro Santo a ser homenageado com um topônimo nas terras são-joanenses de outrora fora o de São Francisco, ainda que o de Xavier<sup>7</sup>. A terceira foi que a imponente Igreja de São Francisco, além de estar entre as nossas maiores obras de arte, é um dos nossos maiores símbolos de identidade e também um dos principais

---

<sup>7</sup> Nome do ribeirão onde se descobriu as primeiras pepitas de ouro, atrás do morro das Mercês. Os primeiros sinais de ocupação do arraial remontam a 1704, quando o paulista Lourenço Costa descobre ouro no ribeirão de São Francisco Xavier, atrás da atual Igreja de Nossa Senhora das Mercês, ao norte da encosta da Serra do Lenheiro. Nessa época, Lourenço Costa trabalhava como escrivão no Porto Real da Passagem, local onde Antônio Garcia da Cunha, genro e sucessor do finado Tomé Portes del-Rei, explorava a travessia do rio das Mortes.

atrativos turísticos desta cidade. Nela o sino poderia (assim como pode) ser visitado pelos cidadãos e turistas.

De maio de 2005 a janeiro de 2006 a comissão do IHG trabalhou na elaboração e pela aprovação do Projeto na Lei de Incentivo a Cultura, sendo o projeto contemplado em janeiro de 2006, quando foi prontamente abraçado pela FIEMG, através de uma providencial interveniência de seu presidente, o são-joanense dr. Robson Braga de Andrade, a pedido da dra. Andréa Neves da Cunha, que inicialmente já tinha se sensibilizado com a proposta a ela levada pela comissão do IHG, ainda em 2005.

A fundição do novo Sino ficou a cargo da Fundação Artística de Sinos Uberaba<sup>8</sup>. Os serviços de desmonte do corpo, subida e descida a cargo de Fábio Silva, Celso Arcanjo dos Santos e sua equipe de auxiliares. O sino antigo, pesando aproximadamente 1360 kg, foi remetido para Uberaba no início de março, regressando São João del-Rei para ser batizado no dia 21 de abril de 2006, dentro das solenidades em memória dos 214 anos da execução do nosso conterrâneo Joaquim José da Silva Xavier e do 21º aniversário de morte de Tancredo Neves. Subiu novamente à sua torre, pesando os mesmos 1360 kg, soando nota Ré Bemol, batizado com o nome original de Francisco de Assis. Na ocasião, deu a primeira badalada no sino o Governador do Estado, dr. Aécio Neves da Cunha, seguido por outras personalidades.

O sino teve, fundido no bronze, além do escudo heráldico da Cidade de São João del-Rei e da Venerável Ordem de São Francisco de Assis, algumas inscrições históricas e comemorativas:

Na lateral esquerda:

“Franciscus Vocor, Vivos clamore, mortuos plango, Mea vocis clamore nubes pluanti, corruiat falsitas”<sup>9</sup>;

Na lateral direita:

Este sino foi refundido como marco comemorativo dos 300 anos de fundação do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, futura Vila de São João del-Rei, a partir de 08 de dezembro de 1713.

Na parte da frente:

Fundido por Francisco da Costa Carneiro, na cidade de São João del-Rei, em 1772. Refundido pelo alferes Francisco Bernardes de Souza, na cidade de São João del-Rei, em 1830; Refundido pela Fundação Ângelo Angeli, na cidade de São Paulo, em 1916, paraninfa: Paulina C. Gaede Gomes; Refundido nas oficinas da R.M.V., na cidade de Cruzeiro, em 1938, paraninfo: Benedito Valladares; Refundido no Arsenal de Guerra, em 1961, paraninfo: Cel. Mozart Dornelles.

Na parte de trás:

---

<sup>8</sup> Sob a responsabilidade do Mestre-fundidor Donizzete. A FASU, instalada na cidade mineira de Uberaba, fabrica e/ou refunde sinos nos moldes artístico-musicais das seculares fundições européias.

<sup>9</sup> Chamo-me Francisco. Convoco os vivos, congrego o clero, choro os mortos. Ao soar da minha voz, desfaçam-se as nuvens em chuva e destrua-se toda a falsidade.

Estiveram presentes ao ato cívico as seguintes autoridades: Aécio Neves da Cunha - Governador do Estado de Minas Gerais; Robson Braga de Andrade - Presidente da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais; Dom Waldemar Chaves de Araújo – Bispo Diocesano; Sidney Antônio de Souza - Prefeito Municipal; Carmello Geraldo Viegas – Ministro da ordem Terceira de São Francisco de Assis; São João del-Rei, 21 de abril de 2006; Paraninfo: Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG; Iniciativa: Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei.

Na borda do sino:

Comissão do IHG: AGDD - ALSC - JAAS - JGD. ACG - CAS - FASU-Uberaba-2005.

Aqui está delineada, ainda que mui brevemente, a história da refundição do sino doado por este IHG à Venerável Ordem Terceira de São Francisco desta cidade.

\* \* \*

Passarei, agora, a descrever a gênese do projeto que visa instalar o “Museu Estação dos Sinos” em São João del-Rei.

Como já escrito no início deste artigo, o ilustre viajante Richard Burton observou que São João del-Rei era uma *"fornalha de música"*, uma *"sinfonia de tempestade"* (Richard Burton, in Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho).

O dramaturgo e sócio honorário do IHG de São João del-Rei, Jota Dangelo, acompanhando a linha desta tradição, assim escreveu em “O Aleijadinho de Vila Rica” (espetáculo de som e luz realizado na cidade de Ouro Preto, em 1978):

*“Os pés de hoje cobrem esses lajedos sem pensar que houve tempo em que se andava como se essas calçadas fossem brasas. Nos ovais das sineiras recortadas os sinos silenciam suas bocas. Incorporaram ao bronze das bacias anúncios que fizeram de outros dias, coroações de reis, rainhas loucas, novenas e missas de agonia.”.*

André Guilherme Dornelles Dangelo, confrade do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, estudioso da linguagem dos sinos, ao analisar as citações acima, afirma que

*“essas antigas relações antropológico-culturais ainda podem ser vislumbradas com todo o seu vigor, indiferente ao passar dos tempos, na cidade de São João del-Rei, cuja tradição barroca ainda é marcante no espírito da cidade e delimitadora dos seus ritos do cotidiano e por isso têm chamado a atenção de órgãos como o IPHAN e o IEPHA para a importância do registro das mais diversas manifestações intangíveis aqui preservadas, dentro da tradição do espírito religioso da comunidade são-joanense”.*

André Dangelo sente que em São João del-Rei

*“a voz dos sinos renasce com toda a sua força, a traduzir e lembrar coisas que pareciam esquecidas na roda do tempo. É como um som constante que ecoa e caminha pelos entroncamentos tortuosos dessa antiga vila do ouro de Minas Gerais, revigorando sua alma barroca a cada badalada e se associando a um resgate diário da importância do seu papel histórico e da sua memória sobre a forma de cultura”.*

Assim, dada a enorme importância dos sinos e da linguagem deles para a memória mineira, nacional e, particularmente, para a cultura são-joanense, a presidência e os confrades do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, com a consultoria técnica do confrade-arquiteto André Guilherme Dornelles Dangelo e com o apoio especial dos sócios Adenor Luiz Simões Coelho e *Jota* Dangelo, acharam por bem colaborar com a tradição sineira são-joanense: idealizaram, buscaram parcerias para elaboração e apresentaram para o Ministério da Cultura um fantástico projeto: o da criação do “Museu Estação dos Sinos de São João del-Rei”.

O que pretende a equipe do IHG é ver o referido museu instalado em dois galpões da antiga EFOM, atualmente em desuso<sup>10</sup>. A iniciativa de se criar um museu deste tipo é inédita nas Américas e traz a atualidade de sons e tradições de altos significados, num espaço interativo que honra o título de São João del-Rei como *cidade onde os sinos falam*.

A proposta do “Museu Estação dos Sinos de São João del-Rei” visa oferecer oportunidades para se estudar mais detidamente a importância dos sinos como elementos de comunicação civil e religiosa nas cidades brasileiras nos séculos XVIII e XIX, principalmente. Visa também traçar a importância do sino na formação da identidade das comunidades e de seus agentes culturais. O empreendimento exporá o desenvolvimento da atividade de fundidores de sinos e o ofício de sineiros nas cidades coloniais brasileiras. A criação do sonhado espaço museológico permitirá a compreensão dos processos mecânicos de fundição dos sinos nos seus aspectos técnicos (a fundição propriamente dita) e aspectos físicos (a acústica e os harmônicos). Será também uma grande oportunidade para se inventariar o fantástico patrimônio campanológico de todo Brasil, com o auxílio de vasta iconografia.

O Museu, quando for instalado, oferecerá um lastro enorme de imagens, sons, testemunhos, peças, procedimentos e sinais, distribuídos em quatro seções principais: ARTEFACTUM, MONUMENTUM, SIGNUS e CAMPANIS. A primeira seção – *Artefactum* – conduzirá o visitante a uma percepção cognitiva e rememorar a gênese da arte sineira e aspectos das etapas de fundição dos sinos; a segunda – *Monumentum* – abrigará acervo de objetos com exploração das percepções tátil e visual; a terceira – *Signus* – será como um portal de entrada para as celebrações religiosas e utilização dos sinos no mundo, Brasil, Minas Gerais e São João del-Rei; a quarta – *Campanis* – será composta por uma torre com quatro sinos onde o visitante poderá incorporar o ofício de sineiro, explorando a sua percepção sensorial. O museu explorará avançadas tecnologias virtuais e terá caráter educativo-patrimonial. Poderão, no espaço do museu, ser oferecidas oficinas diversas, principalmente para a formação de uma nova geração de sineiros. No museu o visitante interagirá com a réplica de uma cava de fundição de sinos que explicará todo este processo, com uma oficina de Carpinteiro que explicará a

---

<sup>10</sup> Este Instituto, em 14 de março de 2007, encaminhou ao dr. Luiz Fernando Almeida (Presidente do IPHAN), a solicitação para “cessão das áreas ao IHG para a instalação do referido Museu. Através do ofício CT/DEMU nº 346/007, de 03 de abril de 2007, assinado pelo Coordenador Técnico do Departamento de Museus e Centros Culturais do IPHAN (em resposta ao despacho nº 030/2007 do Departamento de Museus e Centros Culturais e em resposta ao Memo 82-Presi.) informou-nos que: “é inteiramente favorável à cessão dos imóveis solicitados pelo IHG de São João del-Rei” de dois galpões localizados no interior da Estação Ferroviária da EFOM, bem como de suas áreas adjacentes, cuja entrada independente fica próxima à Rua Belisário Leite de Andrade Neto. Essa área, de antiga posse da RFFSA, atualmente pertence ao IPHAN. O sr. Mário de Souza Chagas terminou o ofício com a seguinte afirmação: “É importante destacar a forte presença no imaginário social mineiro das estações ferroviárias, dos trens, dos sinos e seus toques. A combinação da tradição ferroviária com a tradição sineira nos parece estimulante e muito bem apropriada; além disso, um projeto como o Museu Estação dos Sinos de São João del-Rei pode ser uma combinação exemplar de preservação do patrimônio material e do patrimônio imaterial. Ao lado destes aspectos, destaca-se também a dimensão poética da Cidade dos Sinos e do Museu Estação dos Sinos. Por tudo isso, nos dispomos a apoiar e a colaborar, como foi solicitado, no desenvolvimento do Museu...”.

montagem da “cabeça” ou “corpo” do sino, com um estúdio acústico que exibirá gravações e com uma “escola” dos toques de sinos tradicionais em São João del-Rei, principalmente. Haverá espaço para a montagem de acervo de peças fundidas em todo o Brasil, com a colaboração do IPHAN e de outras entidades. O museu disponibilizará um grande acervo digital e manuscrito contendo o registro e o inventário dos sinos e de toques de sinos em Minas Gerais, além de uma boa biblioteca de títulos e links especializados em campanologia.

Do projeto consta a criação de um estiloso “café”, a ser localizado entre os galpões, utilizando-se de vagões abandonados, restaurados para tal finalidade. Haverá loja de souvenir e peças expostas ao ar livre, no entorno dos galpões.

O projeto foi apresentado pelo IHG em 2006, atendendo ao Edital da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo que conclamou as entidades e pessoas físicas para apresentarem suas idéias para a “Capital Brasileira da Cultura 2007”. Após ser aprovado em nível local, foi bem formatado pelo Santa Rosa Bureau Cultural, para logo após ser protocolizado no Ministério da Cultura. Assim, estamos aguardando a aprovação do projeto para que rapidamente procedamos ao trabalho de captação de verbas para a instalação do museu, através dos benefícios da Lei Federal de Incentivo à Cultura.

Se tudo corresse dentro do cronograma previsto (o que, infelizmente, já foi bastante alterado em face da greve dos servidores do Ministério da Cultura que perdurou por muito tempo), o IHG pretendia que o MUSEU ESTAÇÃO DOS SINOS de São João del-Rei fosse inaugurado ainda no ano de 2007, como outro formidável presente<sup>11</sup> de aniversário para esta cidade e como mais uma realização perene da “Capital Brasileira da Cultura 2007”<sup>12</sup> e, também, como mais um trabalho dos confrades do Instituto Histórico Geográfico e de seus parceiros em favor da memória são-joanense, mineira e brasileira. Mas, mesmo com as citadas dificuldades, não perderemos de vista o projeto e ele, certamente, estará em execução no ano de 2008.

A implantação do Museu Estação dos Sinos de São João del-Rei é um megaempreendimento inédito na América Latina e que perpetuará a tradição de sinos e sineiros para todo o sempre, valorizando o nosso patrimônio material e imaterial.

Assim, “per seculae seculorum”, como no momento da entrega do sino para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo pronunciou-me o Pe. Ramiro José Gregório, creio que os sinos de São João del-Rei deverão, ao som das suas badaladas e dos seus dobres,

---

<sup>11</sup> Em 15 de abril de 2007, com pompa e circunstância, o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, entregou um novo sino, marco histórico carregado de simbolismo que preencheu o vazio existente na torre esquerda da Igreja de Nossa Senhora do Carmo, desde a sua construção. O sino recebeu o nome de Eliseu em homenagem ao profeta Santo Eliseu, discípulo do profeta Elias. O ato foi um preito que o Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei prestou ao povo e à boa terra são-joanense, sede da abençoada “terra onde os sinos falam”, a também Capital Brasileira da Cultura 2007! A fundição do sino teve sua beleza ressaltada pela impecável confecção do seu corpo (aquela parte de madeira que vai além da bacia em bronze) por Antônio Agostini&Filhos, tradicionalíssima empresa desta cidade.

<sup>12</sup> A partir do ano 2006, uma cidade brasileira vem sendo eleita anualmente com o título de “Capital Brasileira da Cultura”. O título é concebido a partir de uma visão ampla e antropológica do significado da cultura na formação da identidade do povo brasileiro, considerando não somente as manifestações artísticas e intelectuais, mas, também, as sociais e econômicas. Ao receber o título de Capital Cultural do ano de 2007, a prefeitura e a comunidade são-joanense vêm realizando uma série de atividades culturais de forma a projetar, divulgar e potencializar a cultura local. A apresentação de São João del-Rei como concorrente ao título deveu-se principalmente aos esforços do nosso confrade Adenor Luiz Simões Coelho, que após a eleição também coordenou as atividades da CBC 2007. A primeira “Capital Brasileira da Cultura”, em 2006, foi Olinda-PE. Sucederá a São João del-Rei, em 2008, a cidade de Caxias do Sul-RS.

continuar honrando a nossa tradição, honrando também a Beatíssima Virgem Maria, mãe de Deus e do Carmelo, e a cantar sempre com júbilo ao Senhor, salvador de todos. Que Ela, a Virgem do Carmo, interceda pela paz e salvação de todos que habitam esta boa terra são-joanense! Este autor, em humilde clamor, roga que do alto da torre da igreja franciscana o entoado de *Francisco* possa fazer coro com o de *Eliseu*, “convocando os vivos, congregando o clero, chorando os mortos, desfazendo as nuvens em chuva e destruindo toda falsidade”.

Que assim seja!

### **Fontes de consulta:**

*Atas da Venerável Ordem terceira de São Francisco de São Francisco*. São João del-Rei –MG (diversos anos)

BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1976.

CINTRA, Sebastião de Oliveira. *Efemérides de São João del-Rei*. 2ª ed.. Belo Horizonte:Imprensa Oficial, 1982. 2vol.

DANGELO, André G. Dornelles. *Proposta para criação do Museu do Sino de São João del-Rei*. Belo Horizonte. 2006.

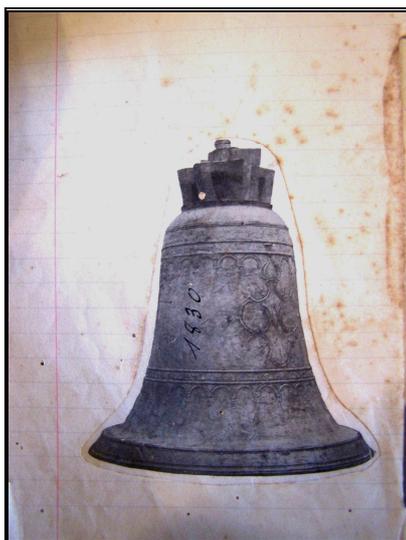
*Projeto de refundição do sino da Igreja de São Francisco de Assis de S. João del-Rei* (apresentado pelo IHG de S. João del-Rei à Lei Federal de Incentivo à Cultura) - 2005.

Projeto “*Museu Estação do Sino/São João del-Rei*” – Santa Rosa Bureau Cultural, Belo Horizonte-MG. 2007

SACRAMENTO, José Antônio de Ávila. *Museu Estação dos Sinos de São João del-Rei*. In:Jornal de Minas; São João del-Rei, MG. Edição nº 84, maio/junho de 2007, p.2.

Site do IPHAN ([www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br))

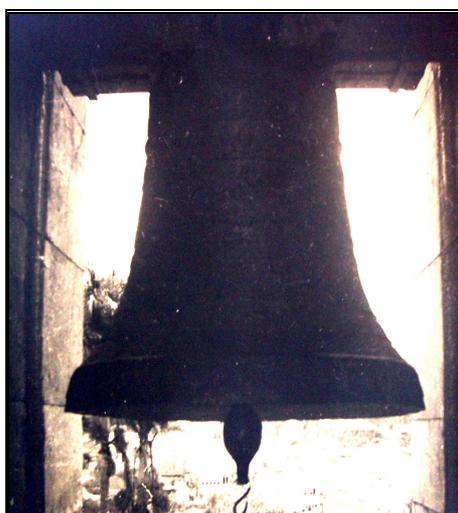
**As fotos dos sinos são do arquivo da V.O.T. de São Francisco de Assis:**



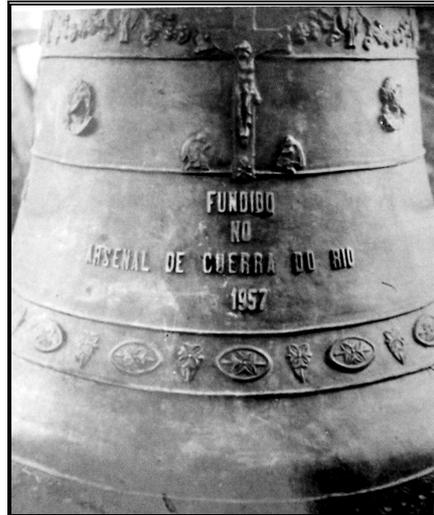
**Sino de 1830**



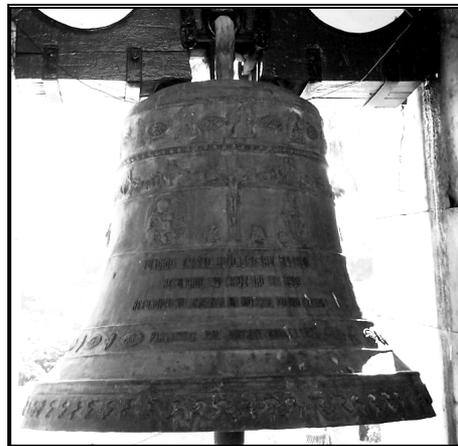
**Sino de 1918**



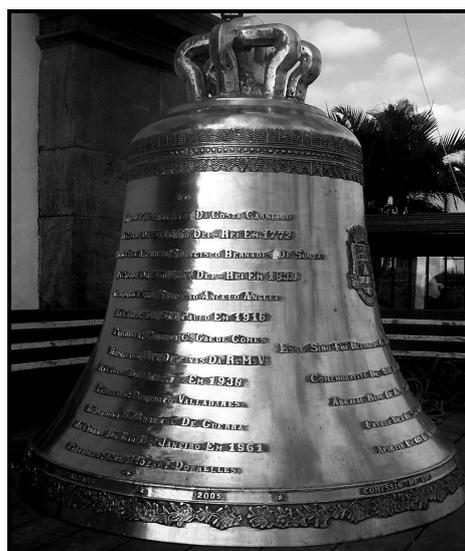
**Sino de 1939**



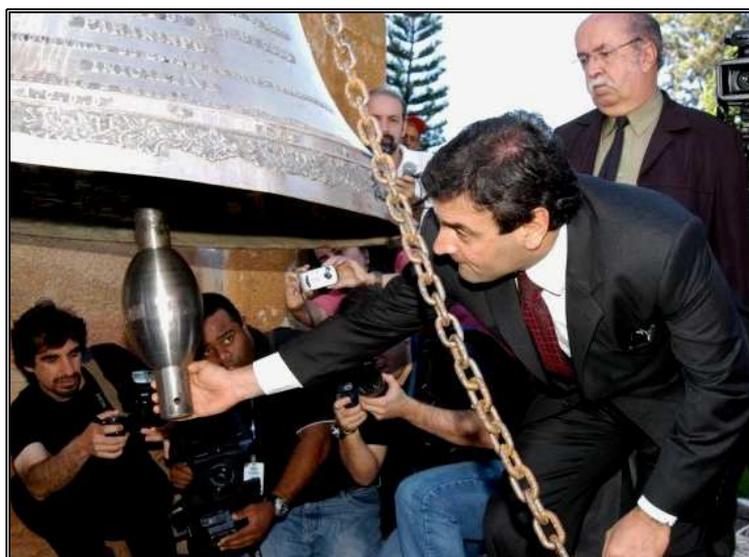
**Sino de 1957**



**Sino de 1961**



**Sino de 2006**



O Exmo. Sr. Governador do Estado de MG, Aécio Neves, em 21 de abril de 2006, dando a primeira badalada no sino comemorativo dos 300 anos do Arraial Novo de Nossa Senhora do Pilar, no adro da Igreja de São Francisco de Assis, em S. João del-Rei. Atrás dele, o Ministro da V.O.T de São Francisco, dr. Carmelo G. Viegas. (Foto: João Ramalho Neto)



A comissão do IHG que tratou do projeto e da refundição do sino: José Antônio de Ávila Sacramento, Adenor Luiz Simões Coelho, José Geraldo Dangelo (Jota Dangelo) e André Guilherme Dornelles Dangelo. (Foto: Vânia Vilela de Ávila, em 21.04.2006)

**NOTA: Este artigo foi publicado originalmente no Volume XII da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, ano 2007 – Edição Comemorativa da Capital Brasileira da Cultura 2007 – páginas 102 a 120.**